

**\* PROMETEUS FILOSOFIA \***  
**CÁTEDRA UNESCO ARCHAÍ**  
**VIVA VOX**  
**Julho- Dezembro de 2016 volume 9 ano 9 n. 20**  
**ISBN: 2176-5960**

## **O MITO DAS OLIMPIADAS: HESÍODO, BACON, HOBBS E A INFINDÁVEL LUTA DOS TITÃS**

**Luiz Carlos Santos da Silva (UFF/VR)**

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar alguns dos aspectos mitológicos que fundamentam a realização das olimpíadas desde a antiguidade grega, particularmente a “corrida de tochas acesas” que atualmente inaugura a abertura dos jogos. Para tanto, buscamos apresentar alguns relatos que narram a realização dos jogos olímpicos como uma espécie de memória aos mitos fundadores da cultura grega. Nesse registro, consideramos alguns aspectos das narrativas de Hesíodo sobre o mito de Prometeu, bem como algumas observações de filósofos modernos como Francis Bacon e Thomas Hobbes sobre como essa fábula narra a interpretação de uma condição humana fundada em uma competição análoga à uma interminável luta de titãs. Tudo isso por causa de uma desobediência à vontade dos deuses do Olimpo, cujo castigo cristalizou-se na expressão de uma cultura da competição que visa não apenas agradar a esses deuses, detentores do poder, mas também igualar certos homens a eles.

**Palavras chave:** Filosofia. Mitologia. Olimpíadas. Mecanicismo.

**Abstract:** This paper presents some mythological aspects that support the achievement of the Olympics since Greek antiquity, particularly the “race of torches” that currently inaugurates the opening of the games. Therefore, we seek to present some stories that narrate the holding of the Olympic Games as a kind of memorial to the foundational myths of Greek culture. In this record, we consider some aspects of Hesiod's narratives about the myth of Prometheus, as well as some observations of modern philosophers like Francis Bacon and Thomas Hobbes on how this fable include the interpretation of a miserable human condition based on a competition analogue to an endless clash of the titans. All because of a disobedience to the will of the gods of Olympus, whose punishment is crystallized in the expression of a culture of competition that not only pleases these gods, who have the power, but also matches certain men to them.

**Keywords:** Philosophy. Mythology. Olympics. Mechanicism.

**a) O futuro do passado como um indicativo do “presente de grego”**

Se as chamas da tocha que ilumina a abertura dos jogos olímpicos clareassem o nosso entendimento sobre as origens do materialismo simbólico que representa nosso legado histórico, ver-se-ia o tempo em que os mitos fundadores da nossa herdada cultura helenística ocidental revelariam como o passado do nosso futuro é só mais uma atualização do velho e antigo “presente de grego”. A simbologia da tocha olímpica (perambulante pelo Brasil afora antes e durante a realização dos jogos olímpicos de 2016) deveria ilustrar com mais clareza a obscuridade subjacente dos mitos que atualizam continuamente os ritos fundadores de nossa herdada cultura ocidental. Diz-se, por exemplo, que a chama da tocha olímpica evoca uma narrativa referente ao mito de Prometeu, aquele titã da mitologia grega que teria roubado o fogo de Zeus para presentear os mortais. Nesse registro mitológico, o ato de carregar a tocha na abertura dos jogos olímpicos representaria, no fundo, uma espécie de culto ao semideus Hércules, que, após a realização dos doze trabalhos que o tornariam imortal, teria libertado Prometeu da tortura infinita das masmorras do Cáucaso. Mas, se de fato toda essa simbologia (que desde a Grécia antiga até os dias atuais orienta a razão por trás dos grandes marcos de nossa cultura) nos permite vislumbrar o presente de um passado que se atualiza progressivamente rumo ao futuro, então talvez a consideração de algumas interpretações remotas sobre o antigo mito de Prometeu nos permita conceber, no presente, os rumos futuros do espectro de uma herdada condição humana, resultante de uma antiga querela entre os deuses detentores do poder de vida e de morte<sup>1</sup>. Condição humana essa que, aliás, do passado rumo ao futuro, se revela na atualidade como um verdadeiro “presente de grego” dos deuses detentores do poder à mortalidade dos homens.

A figura de Prometeu aparece nas origens mitológicas da cultura grega retratada, por exemplo, em Hesíodo; poeta que, juntamente com Homero, representa, ainda hoje, uma das principais fontes de pesquisa sobre a cultura mitológica na Grécia antiga. O

---

<sup>1</sup> É curioso notar como, por exemplo, para a filosofia política contemporânea, o mito de Prometeu remete diretamente a um debate sobre a condição humana. Leo Strauss, por exemplo, em sua obra *O liberalismo antigo e moderno* revela a apropriação de um “projeto prometeico” na filosofia política moderna que, em última instância, remonta à figura de Platão e sua “alegoria da caverna”. Ver STRAUSS, 1995.

mito de Prometeu é retratado já na *Teogonia*, onde Hesíodo relata a origem dos deuses e o modo como Zeus, senhor do Olimpo, subiu ao poder. Todavia, é na obra *Os trabalhos e os dias* que Hesíodo se dedica a relatar, sob a inspiração das musas, a história de Prometeu como criador e protetor da humanidade. Assim, pode-se dizer que, enquanto a *Teogonia* procura retratar poeticamente a origem dos deuses, *Os trabalhos e os dias*, de modo análogo, procura retratar a origem da própria humanidade, ou melhor, dos homens que primeiramente cultuaram a divindade do fogo e suas tecnologias. Em *Os trabalhos e os dias*, Hesíodo conta a história de Prometeu relatando a criação dessa humanidade tanto quanto as origens de sua separação entre homem e mulher. Para Hesíodo, enquanto o homem seria uma criatura confeccionada pelas mãos de Prometeu, a mulher (Pandora) seria uma criatura confeccionada, por ordem de Zeus, pelas mãos de muitos deuses. No poema, Hesíodo relata uma origem dessa humanidade (mulher e homem) entendida como o resultado de uma querela entre Zeus, senhor do Olimpo, e o astuto Prometeu. Querela essa cujo preço a humanidade inteira teria que pagar com o suor do trabalho de todos os dias. Cito Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*:

Oculto retém os deuses o vital para os homens; senão comodamente em um só dia trabalhariam para teres por um ano, podendo em ócio ficar; acima da fumaça logo o leme alojarias; trabalhos de bois e incansáveis mulas se perderiam. Mas, Zeus encolerizado em suas entranhas ocultou, pois foi logrado por Prometeu de curvo-tramar. Por isso para os homens tramou tristes pesares: ocultou o fogo. E de novo o bravo filho de Jápeto roubou-o do tramante Zeus para os homens mortais em oca fêrula, dissimulando-o de Zeus frui-raios. Então encolerizado disse o agreganuvens Zeus: “Filho de Jápeto, sobre todos hábil em tuas tramas, apraz-te furtando o fogo fraudando-me as entranhas; grande praga para ti e para os homens vindouros”. (HESÍODO, 1996, p. 25).<sup>2</sup>

Sob um prisma geral do foco de Hesíodo (ou melhor, das musas que o inspiraram), podemos dizer que o mito de Prometeu (bem como o de Pandora) compõe o centro do olhar poético de *Os trabalhos e os dias*. De outro modo, a intenção do poeta parece ser a de querer retratar com versos as origens de uma dada condição humana, resultante de um castigo dos deuses à insolência de Prometeu e à desobediência dos homens, suas criaturas. Assim, o mito de separação da humanidade em homem e mulher (Prometeu e Pandora) seria como a metáfora através da qual o poeta teria procurado retratar algumas das contradições de sua realidade e época. Sob esse prisma, podemos dizer que os homens castigados por Zeus, relatados por Hesíodo, são aqueles adoradores

---

<sup>2</sup> *Os trabalhos e os dias*. vv. 45-55.

ambiciosos que roubam o fogo roubado, isto é, os amantes do pão, fabricantes de armas e de utensílios que passam pela combustão energética do fogo (*homo faber*). Antes disso, narra a *Teogonia*, a humanidade habitava o ventre da Terra, isto é, o interior de Gaia. Nessas condições primitivas, a humanidade brotava da Terra como brotam os frutos da natureza e viviam sob o manto de Gaia de um labor igual ao dos animais (*animal laborans*)<sup>3</sup>. Todavia, Prometeu teria roubado o fogo dos deuses escondido por Zeus e entregue aos homens ainda no ventre materno, isto é, nas cavernas do interior de Gaia. Isso com o intuito de que esses homens, suas criaturas, evoluíssem e dominassem, com auxílio do fogo, os diversos elementos da natureza. Todavia, alguns desses homens se corromperam e, depois de terem delatado Prometeu para Zeus, começaram (juntamente com os filósofos que fundaram a *polis* grega) a sair de dentro das cavernas, e então passaram a cozinhar os minerais e as ideias para a fabricação de ferramentas, utensílios, armas, cidades, etc.

O mito diretamente relacionado às origens do povo grego (Heleno) aparece já no retrato de Pandora, a primeira mulher narrada por essa tradição<sup>4</sup>. Sob um prisma geral, a figura de Pandora é entendida como o retrato de uma espécie de castigo de Zeus, senhor do Olimpo, à desobediência dos homens criados por Prometeu. É nesse sentido que Pandora parece ser entendida também como uma ruptura posta pelos deuses sobre a humanidade. Ruptura essa que teria separado essa humanidade primeiramente em relação ao gênero, isto é, entre homens e mulheres. Todavia, Pandora, embora não fosse propriamente uma deusa, também não era efetivamente uma mulher, mas uma criatura divina, isto é, uma criação dos deuses. A fim de parecerem obedientes, aqueles homens, criados por Prometeu, receberam o presente dos deuses como uma espécie de castigo. Com isso, quiseram não só agradar aos deuses do Olimpo, mas também se tornar como eles: imortais na descendência, visto que se tratava de uma criatura de origem divina. É por essa razão que o povo herdeiro de Heleno<sup>5</sup>, descendentes direto de Pandora, começou, depois, a querer se igualar aos deuses, reivindicando também uma descendência divina, a exemplo mesmo de um Hércules, o criador das Olimpíadas.

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, os comentários de Mary Lafer, na terceira edição da tradução brasileira de *Os trabalhos e os dias*.

<sup>4</sup> Pandora era mãe de Pirra, que desposou o filho de Prometeu. Da união desses dois foi que nasceu Heleno, neto de Pandora e primeiro ancestral da cultura grega.

<sup>5</sup> Prometeu era tanto tio quanto avô de Heleno, o ancestral fundador da cultura grega.

Diz-se que Prometeu é um epíteto que se refere à prudência e à astúcia. Mais precisamente, Prometeu é o nome designado para “aquele que pensa antes”, ou seja, a característica de quem teria a *métis* (mente ou inteligência) antecipada ou prospectada para o futuro ou para o devir.<sup>6</sup> Narra o mito que Prometeu era filho do titã Jápeto (descendente direto de Urano e de Gaia<sup>7</sup>) e de Métis, primeira esposa de Zeus. Prometeu, portanto, não seria genealogicamente um deus olímpico, mas, para a cólera de seu padrasto Zeus, teria passado a ser exaltado como tal quando roubara o fogo dos deuses para presentear à humanidade. Por causa de tal façanha, a imagem do fogo passou a ser associada à figura de Prometeu, homenageado como o grande criador e protetor da humanidade. O revezamento da tocha entre os atletas na abertura dos jogos olímpicos atuais, aliás, faz menção a essa passagem do fogo roubado de Zeus e entregue por Prometeu às mãos dos homens por ele criados. Assim, as Olimpíadas designam um evento competitivo realizado em exaltação a Zeus, deus do Olimpo, com honrarias a Hércules, seu filho querido, mas em memória a Prometeu, castigado por Zeus e libertado por Hércules. Nesse registro, a imagem da tocha que ilumina a abertura dos jogos olímpicos parece revelar, de entrada, a promessa de um “presente de grego” que se atualiza do passado rumo ao futuro como castigo dos deuses à desobediência de Prometeu e da humanidade.

O presente de grego dos deuses do Olimpo, iluminado pela tocha que inaugura a abertura das olimpíadas, ilustra a concepção de uma “condição humana” que retrata o conservadorismo de uma cultura greco-romana, atualizada, depois, pelo heliocentrismo moderno, no retorno ao pensamento helenístico clássico tomado pelo método científico de alguns dos principais filósofos modernos. A própria concepção heliocêntrica do telescópico cosmos moderno, aliás, revela (tanto no nome quanto no sistema) o gentilismo simpático a um deus Hélio, tanto quanto a uma Vênus, a um Marte, a um Mercúrio, a um Médici e a outros elementos da cultura greco-romana. Sob o prisma de uma modernidade entendida como “racionalização dos mitos”, a doação do fogo

---

<sup>6</sup> Thomas Hobbes, no *Leviatã* (cap. 12), por exemplo, entende o epíteto de Prometeu como uma “virtude” característica dos homens prudentes. A Prudência era considerada uma das “quatro virtudes cardeais” (juntamente com a Justiça, a Fortaleza e a Temperança). Essa parece ser a matéria sobre a qual Hobbes aplica seu método geométrico no intuito de fundar em uma ideia de Promessa (contentora da esperança ou da prospecção para o futuro) os termos do contratualismo político moderno.

<sup>7</sup> Ver VERNANT, 2000, p.59.

roubado à humanidade pode ser entendida como a ilustração de uma chegada da tecnologia que inaugura o mecanicismo antropocêntrico característico da modernidade científica europeia. Não obstante, o castigo imposto a Prometeu por este ter roubado o fogo pode ser entendido como a ilustração da promessa de punição celeste àqueles que desobedecem à vontade divina dos deuses do Olimpo, detentores do poder.

A metáfora da doação do fogo como chegada do desenvolvimento tecnológico entre os homens parece ilustrar, no fundo, uma promessa futura que, enquanto tal, apenas promete e nunca se realiza. Daí a ideia de que a condição humana consiste em uma interminável espera por algo que se estende sempre para o futuro infinito e não se encontra jamais. Isso porque a própria esperança que nutre as expectativas humanas nessa vida não passaria de um castigo dos deuses para os homens. Podemos dizer, portanto, que nas entrelinhas do mito que narra as desventuras de Prometeu, ilustradas pela imagem da tocha que inaugura a abertura dos jogos olímpicos, vemos o eterno retorno de uma “miserável condição humana”. Condição humana essa que é a extensão de uma tradição marcada pela competição daqueles que se digladiam na esperança de agradar e de se igualar aos deuses. Essa tal condição humana, sublinhada na enigmática figura de Prometeu, retrata a imagem de uma espera que consiste apenas em poupar as forças vitais para alimentar a águia da subjugação que se impõe à humanidade como um castigo dos deuses análogo a uma política do pão e do circo. Assim, nossa herdada cultura greco-romana se atualiza do passado rumo ao futuro no registro de um “presente de grego” resignificado na novidade do eterno retorno da mesmice atualizada.

**b) A nova Atlântida ou a velha Roma? Francis Bacon, Thomas Hobbes e a eterna querela entre os deuses.**

Em *A sabedoria dos antigos*, Bacon interpreta os elementos que narram o mito de Prometeu entendendo essa história como uma fábula adequada para se tratar dos assuntos referentes à *condição humana* no mundo, suas origens, meios e fins. Bacon também observa como Prometeu teria sido considerado pelos antigos gregos como o grande criador da humanidade; que teria criado os homens com suas próprias mãos a partir do barro e insuflado neles o sopro da vida. Além de criador, Prometeu seria também o grande protetor da humanidade, razão pela qual teria roubado o fogo de Zeus

em prol do progresso dos homens. Todavia, por conta de disputas internas sobre o domínio desse fogo, alguns homens teriam se revoltado e delatado a Zeus a artimanha de Prometeu. Diz-se que, em agradecimento aos delatores, Zeus não apenas deixara a esses homens o uso livre do fogo, mas também que os presenteara com a juventude eterna. No retorno para casa, no entanto, esses homens teriam perdido, para uma esfíngica servente das águas desérticas, o tão precioso presente dos deuses. Na interpretação de Bacon, a juventude eterna, assim, teria passado acidentalmente das mãos dos homens para a figura de uma leviatânica serpente aquática que habitava os oásis do deserto.

Bacon diz também que, por sua compaixão à humanidade, Prometeu se reconciliara com os homens que o delataram, depois que eles perderam a juventude eterna para a serpente do deserto. Mas, Prometeu guardava desde sempre receio do todo poderoso Zeus, que devorara sua primeira esposa, Metis, mãe de Prometeu. Por isso, tramou um ardil com os bois que ofertara como sacrifício ao deus do Olimpo. Zeus, enfurecido com a insolência de Prometeu, que o quisera ludibriar, ordenou que os deuses fabricassem uma formosa mulher, portando uma caixa cheia de males como castigo a Prometeu e à humanidade, a saber, Pandora. Todavia, Epimeteu (irmão de Prometeu), encantado pela criatura dos deuses, desposa Pandora e quando eles abrem a caixa, dada pelos deuses como presente de casamento, deixam escapar os males confeccionados no Olimpo como “presentes de grego” à humanidade e a Prometeu<sup>8</sup>. Todos os males inventados pelos deuses escaparam da “caixa de Pandora”, exceto um, a saber, a esperança. Dando-se conta do que haviam feito, Epimeteu e Pandora tamparam rapidamente a caixa, não permitindo que escapasse também a esperança, que era um dos primeiros castigos que os deuses haviam colocado ali dentro. E é por isso que essa

---

<sup>8</sup> Diz-se que da união entre Epimeteu e Pandora foi gerada uma filha, a saber, Pirra. Essa, por sua vez, desposaria seu primo Deucalião, filho de Prometeu. Com a ajuda desse último, aliás, o casal teria conseguido escapar do grande dilúvio gerado por Zeus para por fim à humanidade e dar início a uma nova era. Depois, com a ajuda de Têmis, eles teriam criado uma nova geração de filhos a partir das pedras e dos ossos da mãe Terra, Gaia. Dentre esses filhos destaca-se Heleno, mítico ancestral e antepassado de todos os gregos e fundador da própria cultura helenística.

esperança, entendida como um presente de grego à humanidade, significa um castigo aprisionado que não faz outra coisa senão esperar, esperar e esperar...<sup>9</sup>

Depois de muitas manifestações de desobediência, Zeus se enfurece com Prometeu e o acorrenta nos píncaros do monte Cáucaso. Como punição, uma águia vinha todos os dias devorar-lhe o fígado regenerado, prolongando indeterminadamente a dor do imortal Prometeu. Esse suplício, no entanto, teve fim com a ajuda de Hércules, que teria atravessado o mar, chegado ao Cáucaso, flechado a águia e libertado Prometeu. E é por conta dessa façanha, aliás, como observa Bacon, que foram instituídos em diversas localidades os jogos chamados “corrida de tochas”, onde a competição encenava a conservação do fogo roubado por Prometeu e entregue aos homens por ele criados. Todavia, a corrida de tochas em homenagem ao roubo do fogo fora abolida dos jogos olímpicos na antiguidade grega, por ser considerada uma afronta a Zeus, o grande homenageado no evento instituído por seu filho Hércules. A corrida de tochas viria a ressurgir e a se tornar a atividade inaugural das Olimpíadas modernas apenas nos jogos olímpicos de Berlin, em 1936, na Alemanha hitlerista. Sob esse prisma de uma atualização do mito, podemos dizer que a condição humana ilustrada pela imagem da tocha que inaugura a abertura dos jogos olímpicos é análoga àquela de um Prometeu acorrentado, amarrado à promessa de uma espera insuportável pela águia da subjugação que devora durante o dia os órgãos vitais restaurados no sono do nosso descanso noturno.

Sob o prisma antropocêntrico de um olhar telescópico acerca da chegada da tocha olímpica ao lugar dos jogos, a modernidade civilizatória das tecnologias se identifica com o processo de uma infundável competição daqueles que lutam para manter oculto o roubo do fogo que funde as armas e armaduras de uma antiga cultura de guerra. Esse anacrônico “darwinismo social” louva a competição entre os homens por meio de um processo de seleção dos melhores análogo ao modelo de um evolucionismo humano, científico e tecnológico. Por essa razão, a chegada dos jogos olímpicos é anunciada pelos arautos do poder civilizatório como a promessa de um novo *status* social, a saber, o *status* dos países desenvolvidos, civilizados e avançados

---

<sup>9</sup> É como, por exemplo, naquela canção do Chico Buarque de Holanda, “Pedro pedreiro”, onde o sujeito fica esperando, esperando, esperando...

tecnologicamente. A promessa de novos tempos, dos tempos modernos. Todavia, enquanto permanecem promessas, as coisas não se realizam e tudo fica na espera *ad infinitum*. Por isso, sob o prisma dos discursos camuflados, a tocha do fogo que inaugura a abertura dos jogos olímpicos reflete as sombras de uma cultura cujas ciências e tecnologias entendem o conhecimento como sinônimo de poder e de autoridade. Nesse registro, a tecnologia das competições que pensam os jogos olímpicos rumo ao futuro tende cada vez mais a conceber os corpos humanos como máquinas e ciborgues, isto é, como organismos que podem ser desmontados, aprimorados, acoplados, conectados e “mecatronizados”.

A chegada das olimpíadas, sob um prisma baconiano mais geral, pode ser entendida como uma chegada da própria modernidade, isto é, do progresso científico e tecnológico mais avançado. Para os antigos gregos de Olímpia, a chegada dos atletas que competiam nos jogos significava a chegada do que havia de mais novo e atual na Grécia antiga em termos de técnicas e tecnologias de guerra e competição. Para os filósofos antropocêntricos, a chegada da própria modernidade iluminaria a imagem heliocêntrica de uma corrida de conservação da tocha, que guiaria a razão humana rumo à promessa de um novo progresso científico. Modernidade heliocêntrica essa cuja luz iluminaria as trevas da idade média rumo à era das luzes, do pensamento “esclarecido” daqueles filósofos iluministas que os procederiam. Assim, a tocha que ilumina o método dos filósofos modernos como modelo de um fio condutor conduz o entendimento através dos labirintos obscuros da memória e da imaginação rumo à luz de um conhecimento científico que é sinônimo de poder e de autoridade. O gentilismo metafórico mascarado por trás desses *slogans* científicistas exalta a modernidade científica e tecnológica como promessa de um progresso humanístico, fomentado por meio de uma cultura seletiva que apenas promove a competição entre as ideias e as pessoas, numa interminável luta de titãs. É nesse sentido que a filosofia de Francis Bacon anuncia a modernidade e o progresso das ciências, comparando sua concepção heliocêntrica do cosmos com a corrida de tochas em homenagem aos deuses do Olimpo e ao castigo à desobediência de Prometeu. Para exemplificar, cito Bacon, em *A sabedoria dos antigos*:

“[A]s corridas com tochas acesas [foram] instituídas em honra de Prometeu. Também isso, como o fogo em cuja memória e celebração foram criados tais jogos, alude às artes e ciências e adverte com prudência que a perfeição do conhecimento não cabe à rapidez ou habilidade de um só investigador, mas de muitos. De fato, os corredores ágeis e robustos talvez não sejam os mais

aptos a conservar acesas suas tochas, que podem apagar-se quando se vai muito depressa ou muito devagar. Parece, entretanto, que essas corridas e jogos de tochas foram cancelados, por quanto já nos primeiros autores – Aristóteles, Galeno, Euclides, Ptolomeu – vemos diversas ciências em sua máxima perfeição. Nada de maior se fez desde então, nem foi tentado, por seus sucessores. Bom seria que os jogos em honra de Prometeu – isto é, da Natureza Humana – fossem revividos, que a vitória não mais dependesse da tocha trêmula e hesitante de um único homem, mas da competição, da emulação e da boa fortuna.” (BACON, 2002, p. 85).

Vê-se como, na interpretação de Bacon, a prudência requerida pela prática das ciências exige o esforço não de um único partícipe, mas de alguns. Evidentemente, esses “alguns” não são todos ou quaisquer uns, mas apenas os mais hábeis e aptos, isto é, os “melhores”. No registro dessa comparação de Bacon entre a corrida de tochas em homenagem ao roubo do fogo e o progresso das artes e das ciências, a modernidade heliocêntrica e antropocêntrica disseminada também por ele pode ser entendida como uma grande corrida em busca da luz do conhecimento científico. Corrida essa onde apenas os mais fortes e aptos sobrevivem. E é por isso que, para um filósofo como Bacon, conhecimento é poder. Poder esse, aliás, que se aplica tanto sobre a natureza quanto sobre os próprios homens. Sob esse prisma telescópico de uma interpretação moderna acerca da chegada da tocha olímpica ao lugar de realização dos jogos, vislumbram-se apenas, do topo das catedrais da antiga Roma, as sombras de uma *nova Atlântida* no horizonte remoto das promessas e dos mitos. Mitos esses que se atualizam concretamente do passado rumo a um futuro iluminado pela imagem inercial de uma liberdade política concreta e estática<sup>10</sup>. E, assim, a condição humana, análoga ao resultado de um castigo dos deuses, se atualiza no processo de um eterno retorno da mesmice, da competição, do poder e da barbárie.

Se, por um lado, a perspectiva baconiana acerca dos significados da tocha olímpica revela o caráter científico e tecnológico de uma condição humana fundada na competição e na seleção dos mais aptos, a perspectiva de seu secretário pessoal, a saber, Thomas Hobbes, revela, por outro lado, o caráter social e político, isto é, civil, dessa

---

<sup>10</sup> Sob o prisma mitológico do olhar aforístico de Bacon, podemos entender a metáfora da estátua da liberdade segurando a tocha, nos Estados Unidos, como a representação do Estado empossado das ciências e das tecnologias; particularmente das tecnologias das guerras e das armas de fogo. Vale lembrar também que, além disso, o nome original da estátua era “A liberdade iluminando o mundo”, o que expressa concretamente o ideal iluminista dos construtores franceses desse colossal “presente de grego”.

mesma condição humana<sup>11</sup>. No polêmico e enigmático capítulo 12 do *Leviatã* (sobre a religião), Hobbes apresenta um paralelo entre a condição humana (isto é, o estado de natureza, narrado por ele no capítulo 13) e o mito de Prometeu. Para Hobbes, todos os homens, sobretudo aqueles que são extremamente previdentes e se preocupam demasiadamente com o futuro, se encontram numa condição semelhante àquela de um Prometeu acorrentado<sup>12</sup>. Assim, as alturas do Cáucaso propiciariam aos modernos homens hobbesianos uma telescópica visão e perspectiva das coisas, de modo que os mais previdentes ou prudentes tenderiam a mirar sempre os objetivos mais remotos e distantes, isto é, o futuro. Eis, portanto, que a comparação hobbesiana entre a moderna condição humana e o castigo de Prometeu se funde na gênese de um típico “homem caucasiano” acorrentado ao castigo de sua desobediência aos deuses do Olimpo e ao desejo das coisas futurísticas nas novidades do eterno retorno do mesmo de novo, de novo, de novo...

Para Hobbes, a preocupação demasiada com o futuro é o castigo de uma inquietação de espírito que aflige o coração e a mente dos homens caucasianos, isto é, daqueles que, em uma analogia com o castigo de um Prometeu acorrentado, observam as coisas remotas do alto do monte Cáucaso e vivem à espera da cotidiana visita da velha águia da subjugação. Essa aflição ou expectativa telescópica em relação ao futuro seria, segundo Hobbes, a causa do medo que consome, por dentro e por fora, a paz e a tranquilidade dos homens mais prudentes. No registro dessa inquietação perene dos homens hobbesianos, a própria vida é entendida como uma corrida, uma competição, tal como descrito por ele já em seus primeiros trabalhos mais sistemáticos (livro I dos *Elementos da lei*). E é por isso que o combustível que move e comove o mecanismo passional dos homens hobbesianos encontra seu ápice de combustão no medo da morte violenta, que é a maior de todas as paixões humanas, segundo Hobbes. E é por isso também que a felicidade desses homens não consiste no repouso de um espírito satisfeito, mas, ao contrário, na perene busca pela conservação futura do poder e dos

---

<sup>11</sup> Um dos primeiros e mais importantes trabalhos do jovem filósofo inglês Thomas Hobbes foi ser secretário de Francis Bacon, aos vinte e poucos anos. Apesar das divergências de método na filosofia desses dois autores modernos, uma coisa eles parecem compartilhar: a modernidade científica deve ser de fato entendida sob o prisma de uma racionalização dos mitos.

<sup>12</sup> Vale lembrar que “Prometeu acorrentado” é uma tragédia de Ésquilo, onde o Poder e a Violência são personagens “mudos”, que falam através de outros, no processo de acusação de Prometeu.

meios de subjugação que já se possui presentemente. Busca essa que, no fim das contas, resulta num processo de regeneração e de conservação daquilo que se acumula durante o dia apenas para alimentar calado, na calada da noite, a fome insaciável da obesa águia da subjugação. Para exemplificar, cito Hobbes, no *Leviatã*:

“[T]odos os homens, sobretudo os que são extremamente previdentes, se encontram numa situação semelhante à de Prometeu. Porque tal como Prometeu (nome que quer dizer homem prudente) foi acorrentado ao monte Cáucaso, um lugar de ampla perspectiva, onde uma águia se alimentava de seu fígado, devorando de dia o que tinha voltado a crescer durante a noite, assim também o homem que olha demasiado longe, preocupado com os tempos futuros, tem durante todo o dia seu coração ameaçado pelo medo da morte, da pobreza ou de outras calamidades, e não encontra repouso nem paz para sua ansiedade a não ser no sono.” (HOBBS, 1983, p. 65).

Vê-se como Hobbes interpreta o castigo de Prometeu como o retrato e a imagem de uma condição humana miserável e hostil, resultante de uma desobediência aos caprichos dos deuses do Olimpo. Essa tal condição parece ilustrar a esfera passional daqueles homens caucasianos, delatores de Prometeu, que vivem em competição e não se aquietam por conta de um medo insondável da morte que aflige suas mentes e corações. São os homens mais ambiciosos, portanto, que, para amenizar sua aflição e medo, propõem a confecção de um pacto que reúna os poderosos e domine os mais fracos antes que eles se tornem fortes, isto é, por antecipação. É curioso notar também como Hobbes retrata a condição angustiante desses homens caucasianos no *Leviatã* exatamente no capítulo onde ele aborda o tema da religião. Trata-se, pois, do retrato de um típico homem-cidadão-cristão, isto é, de um dos filhos abastados da madre igreja romana, que não apenas fora educado, mas, que, acima de tudo, fora cultivado dentro de uma cultura do medo e da obediência servil. Mais que isso, esses homens, segundo Hobbes, seriam herdeiros de um gentilismo pagão mascarado no cerne da cultura e da religião romana. Com base nisso é que, ancorado em um novo e moderno uso do velho método geométrico, Hobbes procura retratar as origens de uma condição humana fundada no medo e na obediência que, embora cultivada e disseminada pelos romanos e pelos gregos, encontraria seus fundamentos em uma antiguidade muito mais remota, a exemplo dos egípcios.

É sobre a antiga matéria do medo, isto é, da ansiedade e da previdência em relação ao futuro, portanto, que Hobbes procura edificar a soberania do seu moderno Estado civil leviatânico. E é por essa razão, inclusive, que o contrato ou pacto social que

institui o Estado civil soberano se instaura sobre a *promessa* de uma condição humana mais amena e mais segura no futuro, enquanto refluxo dos progressos do poder e da autoridade dos homens que presentemente os possuem (*hodie mihi, cras tibi*). A esperança vindoura, nesse registro, residiria na expectativa de cumprimento futuro dos termos de um pacto que se teria firmado no passado e reafirmado no presente rumo ao futuro (hereditariedade cultural). Esse acaso no caso do ocaso histórico revelaria, no horizonte remoto das promessas possíveis, a imagem de uma liberdade política estatutária e concreta, aprisionada a uma forma estática de governo civil análoga a uma “caixa de Pandora”; atualizada continuamente pelo *slogan* de novas embalagens. Tudo isso em nome da segurança e da obediência tão requeridas pela sabedoria dos deuses do Olimpo; tanto quanto pela prudência daqueles homens caucasianos que, querendo se igualar aos deuses fazendo o que eles fazem, cultivam as ciências e a política como sinônimas de autoridade e de poder. Tomando por base, portanto, as causas do medo como matéria da moderna política estatal, vê-se como a chegada da tocha que inaugura os jogos olímpicos ilumina ofuscadamente os horizontes remotos de um futuro assombrado pelo fantasma daquele grande Leviatã, narrado por Hobbes como representação monstruosa da máquina do Estado.

### **c) Considerações finais não teleológicas.**

Em linhas gerais, podemos dizer que a realização dos jogos olímpicos, desde a antiguidade grega, representa a chegada das artes e das técnicas de competição mais avançadas e mais atualizadas do mundo ocidentalizado. Na modernidade, não obstante, tal como ilustra as filosofias de Francis Bacon e de Thomas Hobbes, a corrida de tochas acesas, que hoje inaugura a abertura dos jogos olímpicos, simboliza a chegada da própria modernidade científica, tecnológica, política e cultural de uma herdada tradição helenística cultivada desde os estádios e coliseus greco-romanos. Em poucas palavras, é possível se ver por trás dos jogos olímpicos o retrato de louvor à cultura da competição onde somente os “melhores”, isto é, os mais fortes e aptos à disputa, sobrevivem. Louvor esse que revela, em seu pano de fundo representacional, um arcaico e anacrônico “darwinismo social”, característico da cultura caucasiana daqueles homens que entendem a vida como uma concorrência, onde os fortes teriam que se garantir sobrepujando antecipadamente os mais fracos e pacíficos. A chegada da tocha olímpica

que inaugura a abertura desses jogos, como se vê, revela o eterno retorno de uma miserável condição onde os homens se digladiam e são digladiados apenas para o prazer e o regozijo dos “deuses do Olimpo”, tanto quanto dos homens que querem se igualar a eles.

A cultura da competição e da disputa pelo poder sobre os homens é algo tão inerente aos começos dos jogos olímpicos que remonta diretamente às origens da cultura e da religião grega. A competição na história das Olimpíadas começa já no relato das disputas entre os deuses (a saber, entre Zeus e Prometeu) sobre a querela de quem deveria ser louvado pela humanidade como um deus no Olimpo. Evidentemente, por ser muito mais poderoso, Zeus ganha a disputa e castiga Prometeu (e, depois, também aqueles homens que o delataram) ao terrível martírio do Cáucaso<sup>13</sup>. Em memória a essa querela, os homens ainda hoje realizam as olimpíadas como uma espécie de sacrifício a Zeus, senhor do Olimpo, e ao seu filho Hércules, o grande criador desses jogos. Assim, a corrida de tochas acesas que inaugura a abertura dos jogos homenageia a memória de Zeus ter deixado o livre uso do fogo aos homens que delataram a desobediência de Prometeu aos caprichos do deus do Olimpo. Sob esse prisma, podemos ver como a cultura da competição, tão vangloriada na realização dos jogos olímpicos, revela o retrato de uma condição humana onde as pessoas (homens e mulheres) são levadas a realizar façanhas incríveis na esperança de, assim como um Hércules, serem arrebatados ao Olimpo também como deuses imortais.

Sob o prisma telescópico da modernidade heliocêntrica de um progresso presente do passado rumo ao futuro, a passagem do eterno retorno dos jogos olímpicos pelo Brasil representa a *promessa* de atualização de um projeto de poder civilizatório que se estende tanto para as ciências e tecnologias quanto para a política e a cultura social. Projeto esse onde a competição regula as relações entre as mais diferentes pessoas e povos, instaurando na cultura social uma incessante busca por poder e por autoridade proveniente do reconhecimento dos deuses. Nesse registro, aquele sonho de Bacon sobre a restauração da corrida de tochas em homenagem à querela entre Zeus e Prometeu (que, desde a Grécia antiga, havia sido abolida dos jogos olímpicos) parece

---

<sup>13</sup> Acontece que Zeus havia engolido a Métis, sua primeira mulher e mãe de Prometeu. Nesse sentido, Zeus era mais poderoso porque tinha a Métis (donde se originara o nome de Prometeu) em suas entranhas.

ter se tornado realidade com a ajuda dos nazistas, que durante a realização dos jogos olímpicos na Alemanha hitlerista restauraram esse antigo culto ao roubo do fogo e à saída das cavernas dos “homens caucasianos”.

Não obstante, a perspectiva hobbesiana sobre as origens desse mito nos permite vislumbrar um retrato fantasmagórico da fenomênica condição de medo e de competição pela sobrevivência que anuncia a nova atualização de uma velha cultura caucasiana dos homens delatores de Prometeu, escondida por trás das sombras mecânicas daquele grande Leviatã, que é o Estado. Assim, a passagem do eterno retorno dos jogos olímpicos pelo Brasil anuncia (pelas práticas dos homens que ainda conquistam os outros escondidos por trás de algum grande “cavalo de Tróia”) o fato de que o futuro do nosso passado consiste apenas na atualização de um velho e antigo “presente de grego”. Contra os golpes desse monstro mitológico, lançamos nossas flechas filosóficas, confeccionadas segundo os saberes de outras crenças e teleguiadas pelas mãos providentes de outros deuses multifacetados...

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BACON, F. *A sabedoria dos antigos*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- BUTLER, S. Darwin entre as máquinas. In: *Das questões*, nº 1, UNB, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/12583>>. Acesso em 30/06/2016.
- CASSIRER, E. *O mito do Estado*. São Paulo: Editora Saraiva, 2003.
- CHAMA Olímpica. In: *Wikipédia*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Chama\\_Ol%C3%ADmpica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Chama_Ol%C3%ADmpica)>. Acesso em: 26/06/2016.
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução comentários e notas Mary C. N. Lafer. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996
- HOBBS, T. *Leviatã*. “Os pensadores”. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1980.
- STRAUSS, Leo. *Liberalism Ancient and Modern*, 2ª Ed. Chicago: Chicago University Press, 1995.
- VERNANT, Pierre. *O Universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.